

SANTO AGOSTINHO E O MANIQUEÍSMO

MARCOS ANTONIO SCHIAVON¹; MANOEL LUIS CARDOSO VASCONCELLOS²

¹Universidade Federal de Pelotas – ratoborg@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – vasconcellos.manoel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é explorar um problema atemporal em nosso mundo: o problema da existência do mal, como algo necessário nas relações contingentes entre os seres, imposto a todos desde os primórdios de toda e qualquer existência, ou como algo simplesmente provocado pela ação do ser humano, a partir de suas deliberações.

A área em que este trabalho se situa é a das Concepções de Virtude, e as considerações sobre este tema são sempre importantes, dadas as características morais decadentes do mundo atual e os impactos causados pelo desregramento das atitudes dos agentes promotores dos males que acometem a todos os seres.

Na intenção de colocar o assunto de forma sintetizada, como a apresentação exige, porém sem perder a objetividade, partiremos dos escritos do próprio Santo Agostinho, na sua principal contribuição filosófica sobre a existência do mal (AGOSTINHO, 1995). Sua obra, durante os séculos posteriores, foi a principal fonte de estudos e base para os filósofos e teólogos da tradição cristã do ocidente, que serviram-se da mesma para as explicações dos principais problemas que envolviam as questões morais do homem do ocidente.

Para a compreensão devida do assunto que será tratado, principalmente no que diz respeito ao Maniqueísmo, em seus conceitos e peculiaridades, serão utilizadas duas importantes obras de caráter biográfico, com o intuito de dar uma visão objetiva e clara da religião citada. Assim, enquanto uma das obras tem a autoria de um dos maiores especialistas em Antiguidade Tardia (BROWN, 2020), sendo esta a razão de sua escolha, a outra (VIGINI, 2012), se justifica por ter sido feita a pedido do então Cardeal Ratzinger, como um documento importante para os estudiosos e amigos da sabedoria de Santo Agostinho.

Deste modo, com a ajuda de uma oportuna bibliografia complementar, buscar-se-á atingir o objetivo de colocar os leitores e ouvintes a par daquela que foi uma das principais controvérsias intelectuais do período da Antiguidade Tardia e dos sucessivos séculos do período Medieval, na visão de um dos maiores doutores da Igreja, em todos os tempos.

2. METODOLOGIA

A base para a execução deste trabalho está nos escritos do próprio Santo Agostinho, naquela que se tornou conhecida por expor o que o Bispo de Hipona pensava sobre a existência do mal no nosso mundo: O Livre Arbítrio. Grande contribuição se dá, do mesmo modo, a partir de sua outra obra, chamada “Confissões”, em que o autor faz uma espécie de retrospectiva de sua vida pessoal e profissional, de forma ampla, e que por isso, constitui-se como

importantíssima para o resultado esperado. Além destas obras, estão sendo usadas obras de comentadores, dicionários atualizados, e fontes históricas da vida de Agostinho, nacionais e internacionais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Terminados os semestres necessários para a conclusão das disciplinas obrigatórias e optativas, com a aquisição dos devidos créditos, esta dissertação entra em sua fase final. Depois de uma banca preliminar ter avaliado positivamente para o seguimento do trabalho, todas as sugestões estão sendo consideradas e os erros apontados até aqui estão sendo devidamente corrigidos. O texto encontra-se bem desenvolvido quantitativa e qualitativamente, e a bibliografia está sendo acrescida de alguns artigos e anotações pontuais, para concluir com êxito a proposta inicial.

Educado dentro de preceitos católicos, Agostinho, após os primeiros contatos com a Filosofia, buscou, na Bíblia, explicações para suas dúvidas, entre elas, sobre qual seria a origem do mal no mundo. Desiludido com o que considerou como uma linguagem pobre das Escrituras, procurou as respostas em outras fontes, caindo nas mãos dos maniqueístas.

O Maniqueísmo se apresentava como a verdadeira doutrina de salvação dos homens. Fundada por um sacerdote persa asceta, evidenciava um dualismo marcante e bastante peculiar, com a existência de dois reinos antagônicos, em uma luta eterna entre o bem e o mal. Com uma história embelezada por seus discípulos e seguidores, a vida e a doutrina de Mani seduziram Agostinho por cerca de nove anos, tempo em que esteve afastado do Catolicismo.

Apesar de todas as vantagens que havia obtido, boas oportunidades de trabalho e de estudos, Agostinho ainda não tinha como resolvidas as principais questões que lhe incomodavam. Circunstâncias e acontecimentos de sua vida o levaram a ter, entre seus estudos, uma aproximação com as obras dos neoplatônicos, que lhe mostraram uma visão do mundo e de Deus, diferente daquela pregada e vivida pelos maniqueus.

Com uma bagagem maior de conhecimento filosófico, Agostinho, depois de aconselhado por um sábio católico, volta-se novamente para a Bíblia, e com a ajuda do que lera em São Paulo, retorna definitivamente para a religião católica e seus ensinamentos, de forma integral, aprofundando-se nos estudos e nas contemplações, para posteriormente se tornar o Bispo de Hipona.

Sua saída do convívio com os maniqueus marcou uma virada na vida de Agostinho, que então passou a ser o principal combatente da religião de Mani e de seus seguidores. Escrevia e debatia contra os mesmos, provando seus pontos falhos e desafiando seus principais representantes, munido de tudo o que aprendera com os membros e eleitos maniqueístas, durante o longo convívio entre eles.

Ao escrever a obra “O Livre Arbítrio”, Agostinho fornece enfim o material de suas conclusões sobre o problema do mal, explicando brilhantemente sua posição em um diálogo intelectual com seu amigo e discípulo Evódio. A obra tornou-se uma das principais referências para estudos teológicos e filosóficos sobre o problema do mal, nos séculos posteriores, sendo até hoje uma das mais lidas sobre o tema.

4. CONCLUSÕES

O problema da existência do mal em um mundo governado por Deus suscita discussões intermináveis, principalmente nas áreas filosófica e teológica, e as contendas não parecem ter uma data próxima para acabar. Este trabalho teve, desde sua proposta inicial, a pretensão de ser um recurso para aqueles que procuram saber sobre as explicações de um autor preocupado com as almas dos homens, e não apenas com o mundo material. Para isso, foi adotado um método que imbricava a Filosofia com a vida pessoal de Agostinho, mostrando o seu desenvolvimento espiritual, em meio às tentações do mundo material, como o orgulho e a soberba. Desse modo, entender o pensamento agostiniano e conduzir este trabalho em sua fase final, tem sido uma experiência imensamente gratificante, tendo a certeza de que o objetivo inicial está próximo de ser alcançado.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução e revisão de Alfredo Bosi, 6 ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

_____, Santo. **Confissões**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2014

_____, Santo. **Contra os Acadêmicos, A Ordem, A Grandeza da Alma, O Mestre**. São Paulo: Paulus, 2008.

_____. **O Livre Arbítrio**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995.

BROWN, Peter. **Santo Agostinho, uma biografia**. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. **10 Lições sobre Santo Agostinho**. Petrópolis: Vozes, 2012.

FITZGERALD, A. **Agostinho Através dos Tempos – Uma Enciclopédia**. São Paulo: Paulus, 2019.

VIGINI, Giuliano. **Santo Agostinho: a aventura da graça e da caridade**. São Paulo: Paulinas, 2012.

Documentos eletrônicos

AGUSTIN, San. **La Naturaleza del Bien/ Contra Los Maniqueos**. Disponível em: https://www.augustinus.it/spagnolo/natura_bene/index2.htm Acesso em 8 jan. 2021.